

Paula Maciel Souza

*Todo brasileiro é um mestiço: a questão da
formação da identidade nacional e intelectual na
História da Literatura Brasileira de Sílvio Romero
1888.*

Mariana
2005

Paula Maciel Souza

Todo brasileiro é um mestiço: a questão da formação da identidade nacional e intelectual na História da Literatura Brasileira de Sílvio Romero 1888.

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Professor Dr. Marcus Vinícius Corrêa Carvalho

Departamento de História
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Federal de Ouro Preto
Mariana, 2005

A Iracele e Tiago,
Principal incentivo à pesquisa nesses anos todos...

Agradecimentos

Obrigada primeiramente ao professor Marcus, que com muita paciência, me ajudou a organizar o caos das minhas idéias, e tornar possível esse texto de monografia. Agradeço também a professora Vera Chachan, e ao poeta Duda Machado, pela leitura prévia deste trabalho e a posterior crítica, tão bem vinda. Muito obrigada por toda a gentileza e amizade...

Não há como deixar de agradecer aos velhos companheiros de ICHS, Manuel, Leso, Suianni, Bruno, Cláudia, Paulo, Francisco, e ao pessoal da Rocinha, que já não estão mais por lá a essa altura, mas que certamente fizeram desses anos de convivência extraclasse bons anos pra guardar na memória... Obrigada aos cães, enquanto eles existiram pelo prédio do seminário, e porque não agradecer a todas as vaquinhas e cavalinhos que por ali passaram e pastaram, completando a paisagem bucólica do nosso querido campus !

Obrigada também ao restante do corpo docente do curso de História, principalmente ao Celso Tavera, e alguns outros que já não estão mais pelos corredores do ICHS, Patrícia Vargas e Helena Mollo.

Não poderia deixar de agradecer minha família mineira, que tão bem me acolheu : Nice, Tico, Mariana, Alex, João Vítor, Cocota, Picaju, Capitu, galos e galinhas daquele quintal, que me forneceram ovinhos para deliciosas omeletes!

Obrigada aos meus camaradas que, mesmo à distância não deixaram de fazer parte da minha vida... Obrigada Rosana, Beto, Camila, Leonardo, Pazzo, Daniel, Diego, Murilo, Laura e Carolíne, por ficarem sempre por perto...

Obrigada mãe, Tico (que não é TD!) , tios, tias, avôs e avós, madrinha e primos, e também ao meu pai, Mauro, que tão bem cuidou da minha educação enquanto esteve por perto...

E pra acabar esses agradecimentos infinitos, obrigada ao Guíte, pela companhia nos tempos de Mariana, e por tolerar minhas terríveis divagações sobre o chato do Sílvio Romero...

Resumo

Monografia de Bacharelado em História Social da Cultura, que procura analisar a questão da formação da identidade nacional e intelectual brasileira através da crítica literária do final do século XIX, principalmente a crítica contida na *História da Literatura Brasileira* de Sílvio Romero (1888), autor de reconhecida Influência no debate acerca dessa questão na passagem do século XIX para o XX, assim como na produção intelectual, inclusive historiográfica, posterior. O objetivo deste trabalho é a análise da obra a partir de três eixos temáticos básicos, que correspondem ao tratamento pelo autor das questões do moderno, do regionalismo e da formação étnico-cultural da sociedade brasileira, que nos termos da época, corresponde a questão das “raças”.

Em meio a esta análise, surge a questão da formação intelectual no Brasil, uma vez que no período estudado podemos observar o encaminhamento do processo de profissionalização do escritor brasileiro.

Sumário

1.Introdução: Literatura abaixo do Equador.....	08
2.Capítulo I: “Todo brasileiro é um mestiço” a questão da formação étnico cultural	14
3.Capítulo II: “A variedade na unidade” a questão do regionalismo ..	29
4.Capítulo III: Rumo a um Brasil Moderno.....	36
5.Conclusão: “O espetáculo das idéias”	39
6.Bibliografia.....	52

O livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber.
João Guimarães Rosa, *Tutaméia*, 1985.

Introdução

Literatura abaixo do Equador

A literatura é o desenvolvimento das forças intelectuais todas de um povo; o complexo de suas luzes e civilização; a expressão do grau de ciência que ela possui; a reunião de tudo quanto exprimem a imaginação e o raciocínio pela linguagem e pelos escritos. **Pereira da Silva, *Parnaso Brasileiro*, 1843.**

As primeiras referências que podemos encontrar sobre a formação de uma história da literatura brasileira, encontram-se situadas no período entre 1805 e 1888.

A primeira data, marca a publicação de um escritor alemão, Friederich Bouterwek, onde a história literária brasileira apareceria somente como um apêndice da história da literatura portuguesa. A abordagem do autor se restringiria apenas a citação de alguns dos conhecidos nomes da literatura do período colonial: Antônio José da Silva e Cláudio Manoel da Costa.

Assim como o escritor alemão, vários outros escritores estrangeiros seriam os primeiros a tratar da literatura brasileira, antes mesmo que qualquer escritor nascido nos trópicos pensasse em fazê-lo. Ao lado de Bouterwek encontram-se: Simond de Sismondi, escritor suíço, que viveu entre 1773 - 1842; Almeida Garret, português do reino (1799 - 1854), autor do *Parnaso Lusitano*.

Ainda na condição de apêndice da literatura portuguesa, a literatura brasileira apareceria na obra de Ferdinand Denis já desenvolvida com um certo tratamento autônomo. Denis publicaria em 1826 seu *Suivi du Resume de l'histoire littéraire du Brésil*. Finalmente, em 1863, o escritor austríaco Ferdinand Wolf publicaria *Le Brésil littéraire - Histoire de la litterature brésilienne*, obra que seria totalmente dedicada a tratar da literatura brasileira.

Dentre os escritores citados, Ferdinand Denis e Ferdinand Wolf merecem destaque. Ambos teriam incentivado os escritores da geração romântica brasileira a divulgar, através de seus escritos, as idéias sobre o nacionalismo nas letras. Ainda que fosse europeu, o francês Denis recomendava seriamente a ruptura com os vínculos portugueses.

Se a primeira data citada marca a publicação de um escritor estrangeiro acerca da literatura brasileira, a segunda, 1888, foi o ano da publicação da primeira edição da *História da literatura brasileira* de Sílvio Romero, obra que seria uma das principais referências sobre a história literária do Brasil na passagem do século XIX para o XX.

Certamente Sílvio Romero não seria o primeiro a escrever tal história. Antes dele, outros escritores brasileiros discorreram a respeito da literatura pátria. Januário da Cunha Barbosa (1780-1846); Pereira da Silva (1817 - 1898); Francisco Adolfo Varnhagen (1816 - 1878), e ainda tantos outros escritores cujas publicações teriam mais o caráter de antologias do que propriamente um caráter historiográfico.

No período em que o Romantismo se fez presente não apenas no terreno da literatura, mas como ambiência teórica de modo geral, foram publicadas obras como a Revista *Niterói* e a *Minerva Brasiliense*. A primeira, lançada em Paris no ano de 1836, buscava promover o Romantismo no Brasil. Dentre os escritores da *Niterói*, podemos destacar Gonçalves de Magalhães, escritor considerado por seus contemporâneos como chefe da escola Romântica. Já na *Minerva Brasiliense*, fundada no Rio de Janeiro, podemos destacar o nome de Santiago Nunes Ribeiro, escritor que também visava em seus escritos divulgar as idéias românticas.

Até os fins do século XIX, a grande maioria de escritos acerca da literatura brasileira de certa forma apenas sistematizou o tema, não existindo a real preocupação em tratar o assunto em termos historiográficos. Na virada do século, quando se acirraram os debates acerca da questão da nacionalidade, que surgiram as primeiras obras que dariam início ao processo de consolidação da história da literatura enquanto disciplina no Brasil.

Araripe Júnior, Sílvio Romero e José Veríssimo, constituiriam as três principais referências brasileiras no campo dos estudos literários na passagem do século XIX para o XX.¹

¹ SOUZA, Roberto Acízelo de. *Primórdios da historiografia literária brasileira*. IN: José Luis Jobim (org) *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: JLJS Fonseca, 1999.

Após esta explanação, fica uma pergunta : afinal, por que escrever a história literária do Brasil ? E por que tal importância era dada a produção literária ? E nós, leitores de hoje, que tipo de informação acerca da nossa história podemos absorver deste tipo de texto ?

Dizia Pereira da Silva, que a literatura é

o desenvolvimento das forças intelectuais todas de um povo; o complexo de suas luzes e civilização; a expressão do grau de ciência que ela possui; a reunião de tudo quanto exprimem a imaginação e o raciocínio pela linguagem e pelos escritos.²

Talvez, essa breve citação já possa responder uma de nossas perguntas. Parecia necessário que a nossa história literária fosse sistematizada, para que de certo modo, se pudesse equiparar o Brasil aos civilizados países europeus. Mais ainda, havia a necessidade de encontrar nas letras brasileiras algo que as diferenciasse das demais. Assim, como disciplina emergente no século XIX, a história da literatura, enquanto campo do conhecimento, tratou da questão da identidade nacional.³ E este fato justifica o porque da escolha de uma obra de crítica literária na intenção de estudar o problema da identidade nacional e intelectual nos fins do século XIX.

Mas escrever a história da literatura não foi tarefa que coube apenas ao Brasil, no século XIX. Países como a Alemanha e a Itália também passariam nesse período a contar a história de suas produções literárias locais. No entanto, até em países cuja situação política⁴ se encontrava consolidada desde o século XVII, como por exemplo França e Inglaterra, a história da literatura teria se desenvolvido de forma valorável no século XIX. Tal fato nos leva a pensar que naquele período, uma nação desenvolvida teria que conseqüentemente

² **SILVA**, Pereira. *Parnaso Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1843.

³ **SOUZA**, Roberto Acízelo de. *Identidade nacional e história da literatura: a contribuição de Joaquim Norberto*. IN: José Luis Jobim (org) *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: JLJS Fonseca, 1999.

⁴ Escrever a história do Brasil após o movimento de independência política com relação a Portugal foi uma das medidas tomadas pela elite dirigente à época. Da mesma forma, após 1870, período de unificação da Alemanha e da Itália, a produção literária local destas duas nações também passaria a ser valorizada

apresentar ao mundo uma literatura que caminhasse conforme seu grau de desenvolvimento.⁵

Assim, ao escrever a história da literatura nacional, o Brasil se alinhava aos notáveis países europeus, justamente àqueles aos quais a nação tropical tentava emparelhar-se.

No Brasil, a passagem do século XIX para o XX foi marcada pela transição do regime monárquico para o regime republicano, assim como do trabalho escravo para o livre. Em meio a esse processo, foi intenso o debate em torno da questão da formação da identidade nacional pelos escritores da época.

Este trabalho buscou estudar como Sílvio Romero equaciona a questão da formação da identidade nacional, uma vez que este propõe temas e problemáticas que informam não apenas os debates de seu tempo, mas que também reverberam em parte significativa da produção posterior sobre esse problema. Para a realização de tal estudo, foram utilizados três eixos temáticos básicos, correspondentes à questão do moderno; as diferenças regionais (regionalismos) e a formação étnico-cultural do Brasil, nos termos da época, a questão das “raças”. Estes eixos de análise serviram como norte para a leitura da *História da Literatura Brasileira*, obra de referência no período, escrita por Sílvio Romero.

O que fica claro diz respeito aos “projetos estéticos” e “éticos” para o nacional brasileiro. Basicamente, Sílvio Romero considera a produção literária jesuíta dos primórdios da colonização, como literatura nacional. Porém, seria Gregório de Matos o grande fundador da literatura brasileira, por ter incluído a figura do mestiço brasileiro em seus romances. Certamente outros críticos contemporâneos de Romero contestam o seu marco cronológico no que se refere ao início de uma produção literária nacional.

Para José Veríssimo, outro crítico de reconhecida importância no período e também comentado por seus embates com Sílvio Romero, só se pode considerar literatura brasileira aquela produzida pós-1822, pós-Independência, ainda que existissem alguns autores de expressão anteriores a esse período, como, por

⁵ ZILBERMAN, Regina. *História da literatura e identidade nacional*. IN: José Luis Jobim (org) *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: JLJS Fonseca, 1999.

exemplo, Bento Teixeira, que escreveu sua *Prosopopéia* ainda no século XVII. Ainda assim, não havia divergências somente no que concerne a datas e marcos temporais. Talvez mais importante do que divergências quanto à cronologia, seja a questão dos diferentes parâmetros de crítica literária e da própria definição do que seria literatura.

Para S. Romero, que parece estar ancorado num padrão de crítica afinado com o racionalismo da época, onde as correntes teóricas como o darwinismo, e a própria sociologia, propiciaram uma crítica que tratasse da literatura sob um ponto de vista histórico social, a literatura é tudo aquilo relacionado com a produção cultural de um povo. Nas palavras do próprio autor

literatura tem a amplitude que lhe dão os críticos e historiadores alemães. Compreende todas as manifestações da inteligência de um povo: política, economia, arte, criações populares, ciências... e não, como era de costume supor-se no Brasil, somente as intituladas belas-letas, que afinal cifravam-se quase exclusivamente na poesia!...⁶

José Veríssimo, deixa expresso na sua *História da literatura brasileira*, que considera literatura aquilo que está relacionado a certos padrões de "belas letras", o que, talvez, seja fruto de uma noção de crítica ligada à concepção estética. Para José Veríssimo,

literatura é arte literária. Somente o escrito com o propósito ou a intuição dessa arte, isto é, com os artifícios de invenção e de composição que a constituem é, a meu ver, literatura.⁷

No que diz respeito aos eixos que nortearam o trabalho, mais diretamente, quanto à questão da formação étnico - cultural, fica clara a noção de mestiçagem trabalhada por Sílvio Romero (ainda que esta já viesse sendo trabalhada ao longo de toda produção historiográfica sobre o Brasil), já que o mestiço, o genuíno brasileiro, seria o principal "produto" de diferenciação da nação brasileira com relação as outras nações. O mestiço seria então, fruto do cruzamento do branco português (europeu), com o indígena e o africano. Nesse ponto da análise de Romero desponta a importância da Escola de Le Play no pensamento do autor.

⁶ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*.. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

⁷ VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908).

Um dos pontos que chamam a atenção é uma noção de "raça", que leva em conta os aspectos culturais, noção que acaba relativizando o papel da degeneração por conta do fator biológico de um povo mestiço. Pensando desta maneira, seria possível então direcionar o futuro da nação em desenvolvimento, tendo como auxílio as ciências, pois segundo as teorias de Le Play, seria possível identificar, através das análises dos fenômenos sociais, "leis" que informassem sobre como garantir a "paz das sociedades". Haveria, então, um critério que permitisse serem conhecidas as causas da prosperidade e da decadência de determinados povos. Isso tudo, através da observação dos costumes, hábitos das famílias, que eram tidas como princípio da formação do Estado.

Fazendo uso das categorias dadas por Le Play, Romero tece análises dos três grupos étnicos formadores do mestiço brasileiro, com a finalidade de apontar as possíveis causas, como por exemplo, da frouxidão dos "laços sociais" do brasileiro, visto por ele como um empecilho à formação de uma nação. O texto de Sílvio Romero nos informa também, o fato de que a crítica literária, cultural e histórica são indissociáveis, uma vez que se mostram ali misturadas no discurso do escritor, informando sobre a questão da crítica enquanto instrumento civilizador do intelectual. A crítica seria encarada como uma contribuição para a formação da nacionalidade.

Através de uma crítica de bases naturalistas, somada as idéias sobre o determinismo biológico e geográfico Sílvio Romero analisou a sociedade brasileira, na tentativa de identificar os tipos brasileiros e seus defeitos. Apontar para posteriormente corrigi-los, uma vez que era essa a "missão" do homem de letras, segundo o próprio Romero. Por de trás desses estudos, havia a busca pela solução do problema da formação de uma identidade nacional.

O presente trabalho buscou analisar, através de três eixos básicos, a questão da formação da identidade nacional, debatida entre os homens de letras do fim do século XIX. A obra escolhida para tal estudo foi a *História da Literatura brasileira* de Sílvio Romero. A edição utilizada foi a de número sete, do ano de 1980, revisada por Nelson Romero, acrescida de alguns textos não publicados na primeira edição, em 1888.

Capítulo 1

Todo brasileiro é um mestiço

Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas idéias.

Sílvio Romero, *História da Literatura Brasileira*, 1888.

No que se refere ao problema da raça na História da Literatura Brasileira de Sílvio Romero, podemos encontrar alguns pontos importantes. A idéia de um povo em formação, somada a questão da mestiçagem, mais as teorias sobre o branqueamento progressivo da nação e ainda, o branco europeu como padrão de referência, uma vez que índios e negros não eram vistos como povos passíveis de civilização, são questões marcantes ao longo de toda a obra.

Dentre esses aspectos, dois se apresentam de modo original no pensamento de Romero. O elogio à mestiçagem e as teorias sobre o processo de branqueamento.

Para Romero, o mestiço seria o fator de diferenciação nacional brasileiro, tanto no âmbito biológico, "racial", quanto nas idéias e no imaginário, de modo geral. Logo, esse mesmo mestiço, responsável pela nossa diferenciação enquanto povo, responsabilizava-se também por conferir a literatura brasileira seu caráter próprio, sua identidade. Em seu método crítico, Romero procurou delinear as principais características de cada um dos povos que concorreram para a formação do brasileiro, e dentre outras características, coube ao mestiço a transmissão de elementos "ardentes" na nossa arte:

Aos mestiços devemos, na esfera literária, mais do que aos outros elementos da nossa população, as cores vivas e ardentes de nosso lirismo, de nossa pintura, de nossa música, de nossa arte em geral.⁸

De todo modo, era a mestiçagem considerada por Romero o nosso denominador comum.

⁸ ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.p. 305

Índios, brancos e negros, foram os três povos que contribuíram para a formação do "genuíno" homem brasileiro. É certo que as bases de tal afirmação já se encontravam no trabalho Von Martius nos tempos da criação do IHGB. Quanto à afirmação de Romero, podemos encará-la como uma retomada crítica daquilo sobre o que já havia discorrido o escritor batavo. Segundo Roberto Ventura, Martius havia proposto as bases da historiografia naturalista, de origem etnológica na dissertação que apresentou para o IHGB em 1845. Tal dissertação teve como título *Como se deve escrever a história do Brasil*. Neste texto Martius propôs o estudo da história brasileira com base em elementos como os raciais, linguísticos, mitológicos. Tudo isso, levava em conta também às tradições populares e o cruzamento das raças, o que nos leva a observar que a concepção historiográfica de Martius era bastante próxima ao que Sílvio Romero demonstraria décadas depois.

Podemos encontrar as palavras de Martius, no capítulo onde Romero discute algumas das principais teorias sobre o Brasil

Qualquer que se encarregar de escrever a história do Brasil jamais deverá perder de vista quais os elementos que aí concorreram para o desenvolvimento do homem. São, porém, estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular três raças, a saber: a cor de cobre ou americana, a branca caucasiana e, enfim, a preta ou etiópica. Do encontro, dessa mescla, das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história por isso mesmo tem um cunho muito particular.¹⁰

No entanto, mesmo após retomar as palavras de Martius, Romero expõe onde estaria a principal falha de seu trabalho, dizendo:

A determinação precisa do que devemos, em nossa vida geral, aos três fatores principais de nossas populações, nem por sombra se acha nessas linhas do ilustre autor da *Flora Brasiliensis*, que também e principalmente deixou em completo esquecimento o ponto fundamental do problema: - o mestiço, sobre o qual peculiarmente se deve insistir, estudando

⁹ VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870 - 1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 110

¹⁰ ROMERO, 1980, p. 60

amplamente o especial quinhão de cada fator e definindo o caráter do resultado.¹¹

É no capítulo intitulado - "O Brasil social e os elementos que o plasmaram" que Sílvio Romero analisa, usando das teorias deterministas da Escola de Le Play, que tem como principal foco de análise as diferentes organizações familiares, as contribuições determinantes de cada uma das três raças formadoras do mestiço brasileiro, conforme a crítica tecida ao trabalho de Martius. Romero lançaria as bases de sua teoria sobre o branqueamento, determinando as diferenças entre "raças" sociologicamente formadas e, "raças" historicamente formadas. Para ele, o caso brasileiro já seria um exemplo de uma "raça" historicamente formada, o que já dava base para se pensar em intervir na formação nacional. Pensando então no processo de branqueamento que ainda levaria alguns séculos, dizia o escritor

Enquanto, porém, este último fato se não dá, releva tratar dos nossos fatores étnicos como eles nos são fornecidos pela história e pela ação diuturna da vida durante os quatro séculos decorridos da descoberta até agora: *portugueses, índios e africanos*. Eis aí os três povos, antropológica e etnograficamente distintos, que nos têm vindo a forjar, a amalgamar na incude e no cadinho da história, cujo estado interno e social é preciso sondar [...] para ser possível o exato conhecimento da alma brasileira de hoje [...] se pode dizer desde já, e a cada vez mais se poderá afirmar no futuro, que vamos formando uma raça histórica [...] Um fragmento da bela e valorosa raça ariana, já de si muito desfigurado e constituindo um caso disso que se chama raça histórica - os portugueses -aliou-se a duas raças, genuinamente antropológicas, completamente diversas sob vários aspectos: índios americanos e negros da África.¹²

Podemos abordar as teorias sobre o branqueamento progressivo da nação como um pensamento original na obra de Sílvio Romero sobre o Brasil. Romero de fato colocou em evidência a figura do homem brasileiro, miscigenado. Ainda assim, havia sem dúvida em seus horizontes um ideal europeizante, no que diz respeito aos seus projetos para o Brasil.

¹¹ROMERO, 1980, p. 62

¹² ROMERO, 1980, p. 200

Por mais que ao pensar a formação étnica brasileira Romero admitisse a contribuição de cada uma das três raças, é sempre a do branco europeu, neste caso o português, que é tida como aquela que contribuiu com os melhores elementos, tanto biológicos, como culturais. E ainda segundo Romero, seria também a cultura branca que serviria como parâmetro para o Brasil do futuro. Dizia o autor a respeito da supremacia do povo português no processo de formação do brasileiro:

No estudo dos povos que formaram a atual nação brasileira o primeiro lugar há de ser dado ao português. Não e que ele só por si, como supuseram sempre os retóricos das velhas crenças, tenha constituído o nosso presente estado e tenha sido fator único de nossa civilização [...] o lugar de honra deve ser dado ao português; porque ele, sem ser o único, é o principal agente da nossa cultura.¹³

Os outros povos, indígenas e negros, teriam legado ao brasileiro, em sua maior parte, certos "traços" que não eram bem vistos aos olhos da grande maioria dos homens de letras daquele tempo, exceto por Araripe Júnior e Manoel Bomfim¹⁴ que já compartilhavam de uma visão diferente sobre a interação das etnias. Por não serem considerados produtos de uma "grande" civilização, tais povos seriam ainda selvagens, situados no "atraso" da História, e o que seria ainda pior, aos olhos de Sílvio Romero, esses povos não se mostravam sequer passíveis de civilização:

O Brasil não deve contar seriamente com os índios e negros como elementos de uma civilização futura, ainda que estenda até eles os benefícios do ensino primário.¹⁵

Este tipo de idéia racista, teria segundo Roberto Ventura, suas origens fundadas no pensamento europeu. No século XVIII, a nobreza teria dado início ao desenvolvimento de tais idéias na tentativa de contrariar as reivindicações da burguesia ascendente. Afirmavam que a desigualdade entre os homens faria parte

¹³ ROMERO, 1980, p. 104

¹⁴ Araripe atacava as concepções racistas tanto nos termos científicos, quanto ideológicos. Para ele, as ideias racistas serviam como justificava ao expansionismo das nações dominantes, "para autorizar a expansão e justificar a expropriação dos povos sem esquadras". Já Bomfim, retoma Araripe, ao chamar as teorias sobre a inferioridade racial de "etnologia privada das grandes nações salteadoras".

¹⁵ ROMERO, 1980, p. 102

da própria natureza humana, na tentativa de legitimar a manutenção dos privilégios nobiliárquicos.¹⁶

No século XIX, Gobineau retomaria essa ideia em seu *Essai sur l'inégalité des races humaines* de 1854. De modo pessimista, Gobineau teria profetizado a decadência da "civilização", que teria como principal causa a mistura de sangue.

A miscigenação estaria colocando em risco as nacionalidades pela introdução de elementos "heterogêneos", capazes de destruir a sua identidade. A incapacidade das raças não-brancas para a civilização não teria como ser corrigida pela educação. Apenas a mestiçagem poderia elevar intelectualmente as raças inferiores, com o inconveniente de "rebaixar" as etnias superiores participantes da mistura.¹⁷

Talvez certas ideias de Romero nada mais sejam do que um eco das próprias ideias de Gobineau.

Ainda que não enxergasse a miscigenação de modo totalmente positivo, acreditava Romero que o cruzamento entre as diversas etnias teria ajudado o colono europeu a se adaptar as condições dos trópicos, ao mesmo tempo em que incluía negros e índios nos padrões de civilização.

Algum tempo depois da primeira edição da *História da literatura brasileira*, onde Romero teceu inicialmente seu elogio à mestiçagem, o escritor teria sido tomado por uma onda de pessimismo, passando a divulgar ideias contrárias as vantagens da miscigenação. Nos idos de 1900, Romero se mostrou descrente quanto ao futuro branqueamento da nação. A partir deste momento, o escritor passaria a aderir as ideias arianistas contrárias à mestiçagem.

Romero havia deixado de lado as ideias que o fizeram afirmar em sua *HLB*, de 1888 que o processo de branqueamento teria chegado ao cabo depois de dois ou três séculos.

Sabe-se que na mestiçagem a seleção natural, ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer o tipo da raça mais numerosa, e entre nós das raças puras a mais numerosa, pela imigração europeia, tem sido, e tende ainda mais a sê-lo, a branca (...) Dentro de dois ou três séculos a fusão étnica estará talvez completa e o brasileiro mestiço bem caracterizado.¹⁸

¹⁶ VENTURA, 1991, p.53

¹⁷ VENTURA, 1991, p.56

¹⁸ ROMERO, 1980, p.102

Temos aqui, talvez as tendências mais marcantes no que diz respeito à formação étnico-cultural do Brasil, e que se encontram nas linhas da *História da Literatura Brasileira* de Sílvio Romero: O mestiço - formado pelo influxo das três raças: índios, brancos e negros - seria o fator de diferenciação nacional. A perspectiva de "branqueamento" progressivo da nação, a impossibilidade de incluir brancos e negros no processo civilizador, e a supremacia da "raça" branca na formação do brasileiro são as outras questões marcantes do pensamento acerca da formação étnico-cultural do Brasil presentes no pensamento de Romero.

A Faculdade de Direito do Recife foi o lugar onde Romero tomou conhecimento das principais tendências teóricas e filosóficas do século XIX. Tais leituras teriam contribuído para a solidificação de seu pensamento acerca do Brasil, uma vez que suas principais influências teriam se dado antes mesmo de seu ingresso na faculdade.¹⁹ Naquele século, o pensamento acerca da origem do homem havia sofrido uma forte mudança. A idéia de uma única origem de todos os povos do mundo passa a ser rechaçada, em nome da crença numa origem múltipla.²⁰

Havia no século XIX, duas principais correntes interpretativas que tratavam da questão racial. A primeira, chamada *monogenista*, vigorou até meados do século, e divulgava a idéia de uma origem comum de todos os povos do globo. Essa visão encontrava-se ligada à concepção de humanidade uma presente nas escrituras bíblicas. As diferenças dos grupos humanos se explicariam através da crença nos graus de "degeneração" ou na "perfeição" do ser humano.

Já a segunda corrente, que levava o nome de *poligenista*, vigorou a partir de meados do século XIX, transformando-se numa idéia alternativa, uma vez que a ciência, principalmente os estudos na área das ciências biológicas tornavam-se cada vez mais sofisticados. Deste modo seria mais fácil contestar o dogma

¹⁹ Em uma carta escrita para o "Momento Literário" de João do Rio, Romero atribui seu interesse pelo nacional a própria infância passada no engenho, na presença de várias manifestações culturais, que teriam despertado seu interesse pelo povo brasileiro. A entrada na Faculdade do Recife teria apenas confirmado o tipo de orientação que seu trabalho tomaria.

²⁰ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil -1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.p. 41

monogenista da igreja. Por outro lado, a versão poligenista permitiria cada vez mais aos estudiosos da época, encarar as questões relacionadas ao comportamento humano como um resultado imediato de leis biológicas e naturais. No Brasil, Sílvio Romero deixaria claro o seu ponto de vista a respeito de tais teorias

Eu acredito na origem poligenista do homem, defendida por Morton, Nott, Agassiz, Littré e Broca. Parece-me de um exagero, ditado por uma velha preocupação ortodoxa, reduzir todas as raças humanas a uma só origem avita primitiva.²¹

O século XIX, no Brasil, foi o grande século da ciência, e conseqüentemente, dos homens de ciência. Sílvio Romero seria um deles. Ciente das novas teorias que adentravam os trópicos naquele momento, ele se tornaria arauto das teorias racionais, objetivas, científicas. Romero passaria conseqüentemente, a combater as tradicionais tendências do pensamento cristão, do subjetivismo romântico, e de tudo o quanto mais pudesse parecer antigo e ultrapassado diante do moderno pensamento científico.

Quanto às idéias poligenistas, o próprio "darwinismo social" viria a fazer uso destas, donde provavelmente tenha se originado a grande importância atribuída à questão da mestiçagem. A mestiçagem na versão poligenista apontava para um fenômeno recente. Os mestiços exemplificariam, segundo tal interpretação, a diferença fundamental entre as raças. E ainda personificariam a "degeneração" advinda do cruzamento de "espécies diversas".²²

Logo, passa a ser negada a idéia de que a "degeneração" das raças se dava na medida em que o estado de "perfeição" do paraíso se afastava. A "degeneração" das espécies passa naquele momento a ser explicada através das correntes evolucionistas, que atribuíam a determinados povos de maior ou menor grau de adiantamento numa escala de civilização. Segundo esse pensamento, para que o processo de civilização se desse de modo exemplar, seria necessário fazer parte de um grupo étnico, racial, tido como "superior". As raças denominadas como "inferiores", ou seja, negros e índios, não poderiam ser civilizadas, pois segundo o

²¹ ROMERO, 1980, p. 107

²² SCHWARCZ, 1993, p. 57

pensamento da época, não seriam capazes de absorver tal civilização. Deste modo, a hibridação entre as espécies era algo veementemente condenado. O próprio Sílvio Romero diz ter-se formado no Brasil, graças ao influxo de três raças diferentes, uma "sub-raça" mestiça

A raça ariana, reunindo-se aqui a duas outras totalmente diversas, contribuiu para a formação de uma *sub-raça* mestiça e crioula, distinta da europeia.²³

Para entender o uso que Romero fez de tais teorias, precisamos primeiro pensar numa apropriação por ele feita, de todo este arcabouço teórico. Adaptação e Hereditariedade seriam dois conceitos, forjados pelas ciências biológicas, usados por Romero na análise do país e da literatura. É através do uso desses dois conceitos que o escritor poderia demonstrar algum tipo de vantagem obtida com a miscigenação, pois

Os descendentes do novo povo misto serão superiores a seus antecessores, portugueses e alemães, como elemento de colonização {...} veremos um *povo misto*, mais apto e capaz do que seus progenitores para a cultura das terras; porque serão habituados desde o nascimento ao clima e à vida no país.²⁴

Ainda no que diz respeito a estes conceitos, Sílvio Romero os define da seguinte forma :

A hereditariedade representa os elementos estáveis, estáticos, as energias das raças, os predicados fundamentais dos povos; é o lado nacional (...) A adaptação exprime os elementos móveis, dinâmicos, genéricos, transmissíveis de povo a povo; é a face geral, universal (...) São duas forças que se cruzam, ambas indispensáveis, ambas produtos naturais do meio físico e social.²⁵

Tais conceitos são sobretudo usados quando Romero passa a tratar especificamente da literatura e da questão da imitação estrangeira, ou ainda da falta de autonomia intelectual no Brasil, afirmando que as formas do pensamento cultural vinham de fora, da Europa e dos Estados Unidos. Com relação a estes conceitos, podemos pensar que estão aqui as bases da teoria da dialética entre o

²³ ROMERO, 1980, p. 100

²⁴ *Idem*, p. 102

²⁵ *Idem*

local e o cosmopolita pensada por Antônio Cândido, grande estudioso da obra de Sílvio Romero já por volta da década de 40, no século XX.

Para tratar das questões sociais do Brasil, o crítico Sílvio Romero reorganizaria seu aparato teórico, é nesta forma de apropriação que podemos apontar o que foi chamado de "possibilismo" em sua obra. A Escola de Lê Play teria grande importância, pois é ao tratar das bases teóricas de tal escola que se torna mais evidente a questão da possibilidade de intervenção social do homem de letras, na tentativa de redirecionar a formação e o futuro da nação, uma vez que a solução para o desenvolvimento e o progresso do país sempre caminhou ao lado da idéia de "aperfeiçoamento" das três raças formadoras do brasileiro.

As teorias de Lê Play, serviram a Sílvio Romero, sobretudo, quando o autor passaria a analisar separadamente cada um dos troncos étnicos que teriam dado origem ao brasileiro. Nesta análise, que ocupa longas páginas de sua *História da Literatura Brasileira*, Romero busca as características deterministas preponderantes de cada uma das três "raças".

Através principalmente da observação da organização familiar, do trabalho, da propriedade, dos bens, do lugar e da economia que, nas palavras do autor, são chamados de "meios de existência", somados ao que Romero dá o nome de "modos de existência" - (alimentação, habitação, vestuário, higiene, recreações) são desenvolvidos trabalhos sobre a índole das nações, procurando apontar sobretudo "os vícios e defeitos da estrutura social".²⁶ O "possibilismo" dentro de sua teoria residiria no fato de que, o método de Le Play, tinha como principais ferramentas de análise a observação de aspectos sociais relacionados aos hábitos e costumes, aos aspectos culturais e não simplesmente biológicos e/ou raciais. Ainda que a idéia de cultura se encontrasse ligada à idéia de raça, o determinismo racial parece estar ali relativizado, na medida em que seria necessário observar, apontar os principais defeitos da chamada estrutura social, para, posteriormente, pensar numa possível intervenção, que caberia neste caso, aos governantes e aos homens de letras da nação

²⁶ ROMERO, 1980, p. 182

se o conceito de raça não pertence à história natural do homem, não é um fenômeno antropológico, e, sim, meramente produto da história civil, um fato sociológico, vale isto afirmar que a raça como formação, por assim dizer, consciente do próprio homem, é um resultado de seleção voluntária, é alguma coisa que se faz, que se prepara, que se dirige, que se afeiçoa ao sabor dos desejos daqueles a quem mais de perto cabe a função de organizar e dirigir.²⁷

O método de Lê Play contava com a observação acurada da região estudada, com a finalidade de após a elaboração dos dados, estabelecer as leis de desenvolvimento da "nacionalidade" estudada. Tal elaboração de dados, deveria contar com os aspectos mais íntimos de cada sociedade. Estes aspectos seriam o que Romero chamaria de "meios de existência". Após esta etapa, Romero analisaria os "modos de existência" das nações. Somente assim seria possível apontar os "traços de nossa psicologia nacional" que se encontrariam ali em gérmen. O escritor acreditava que, estudando as origens, seria possível apontar os defeitos da nação e então corrigi-los.

Na busca por tais *germens* da atual "psicologia nacional", Romero analisa em primeiro lugar, o grupo indígena, o qual alcunha de "1º fator Antropológico", pelo fato de ser este o grupo "mais antigo, mais adaptado ao solo (...) o velho tronco em que se vieram enxertar os elementos estranhos."²⁸

Reclama o autor da existência de fontes documentais de pouco valor, uma vez que teriam sido estas em sua maioria, produzidas pelos viajantes do XVI, que segundo Romero "eram demasiado incompetentes para uma observação regular, capaz de surpreender os mais íntimos fatos sociais e a fundamental psicologia dessas gentes rudes".²⁹

No que diz respeito aos escritos dos colonos e jesuítas do século XVII e XVIII haveria nestes, demasiada influência de aspectos caricaturais e das próprias desavenças entre brancos e indígenas.³⁰ Faria-se necessário uma rigorosa crítica para se fazer uso de tais fontes. Até mesmo os etnólogos do XIX não escapam ao espírito combatente de Sílvio Romero. Para o autor, nada mais teriam feito tais

²⁷ ROMERO, 1980, p. 199

²⁸ ROMERO, 1980, p.201

²⁹ ROMERO, 1980, p. 201

³⁰ *Idem*

etnólogos que "alguns estudos das línguas e dos usos e costumes mais ou menos exteriores, dos quais tem precipitadamente feito brotar classificações, classificações e mais classificações".³¹

Além da crítica a parca documentação sobre o assunto, Romero crítica também, o tipo de abordagem e a problematização sobre a questão do indígena no Brasil. Segundo ele, haviam sido tratadas questões que se mostravam insolúveis até aquela época. Questões como a injustiça dos colonizadores, o grau de civilização dos indígenas, quais seriam os melhores processos para conseguir civiliza-los, se progrediam os índios ao tempo da descoberta, ou se iam retrogradando, se eram ou não os donos das terras, e os verdadeiros representantes do povo brasileiro.³² Quanto à análise do tronco indígena realizada com base nas teorias de Le Play, as principais características sociais seriam a superioridade da mocidade em face da velhice, desenvolvimento do individualismo, limitação dos meios de existência, necessidade e dificuldade das migrações periódicas. Segundo Romero, o verdadeiro lado louvável do indígena seria a sua destreza, sua força, sua agilidade, que eram vistas como coisas exclusivamente pessoais, que não se transmitiriam. Mais uma vez o individualismo seria mencionado, como algo terrivelmente presente na índole do brasileiro, como herança desses povos indígenas. Dizia Romero :

Nenhum laço, nem até material, liga as gerações entre si, tornando-as solidárias. O mau, o dissolvente individualismo triunfa.³³

O grupo indígena também é apontado por Romero como aquele que teria legado ao brasileiro seu "pouco caso" com as tradições, ou ainda, a ausência destas. Por não ter constituído o tipo de família que o autor chama de "patriarcal" , os indígenas não teriam transmitido tradições e as lendas mais antigas de sua "raça".³⁴

³¹ ROMERO, 1980, p. 203

³² *Idem*

³³ ROMERO, 1980, p. 208

³⁴ *Idem*

Não poderia deixar de tratar, a questão do determinismo. Nas linhas que se seguem, Romero nos dá um exemplo do mais puro determinismo geográfico vigente na época.

A constituição dos indígenas testemunha a influência enervadora do clima: todos os observadores assinalam neles o contraste da fraqueza radical, do relaxamento dos tecidos, da indolência e da apatia, com a exaltação do sistema nervoso, o fogo das paixões, os borbotões desordenados de atividade física e moral. O enfraquecimento geral destas raças é também favorecido pela natureza do regime alimentício, pouco reparador no fundo, apesar dos condimentos incendiários com que se esforçam para despertar a inércia de seus órgãos digestivos enfraquecidos pelos excessos venéreos, que comentem pelo estímulo especial do clima, pelas desordens de toda a espécie a que as levam sua luxúria natural, a ociosidade e o despudor dos costumes.³⁵

Em seguida, Romero analisa o que chama de 2º *Fator Antropetnológico* - O negro, que seria "um dos elementos essenciais na formação brasileira".³⁶ Romero parecia procurar, como dito anteriormente, dar ao negro o lugar que lhe era de direito na formação nacional. Se até aquele momento mal tinham tratado os estudiosos sobre o grupo indígena, no que diz respeito ao negro, restava apenas um grande silêncio.

Novamente, são procuradas as mesmas características determinantes, desta vez, no grupo étnico africano. Os mesmos questionamentos de antes seriam feitos para o grupo africano. E no que concerne a resposta, Romero chegaria a conclusões semelhantes. Para ele, as "raças negras" vistas em conjunto, apresentavam diversos pontos de semelhanças e divergências com relação aos povos indígenas.³⁷

Tais semelhanças poderiam ser observadas na medida em que aqueles também eram povos dedicados ao pastoreio, havendo poucos casos de trabalho agrícola. "Gentes negras", entregues à caça e à coleta. Romero relata uma passagem onde aponta a antropofagia de alguns grupos; havendo também a questão da desunião

³⁵ ROMERO, 1980, p.98

³⁶ ROMERO, 1980, p.210

³⁷ ROMERO, 1980, p.213

/ desorganização familiar; ausência do apego às tradições por conta do caráter nômade da sociedade.

nos lares desses montanhesez (...) não existem respeitozs tradições firmadas na memória dos maiores; não existe culto doméstico, religião na família; e, como é mister ao homem um culto, o povo inteiro entregar-se-á às superstições da magia.³⁸

A grande singularidade das gentes negras seria, segundo o escritor, não haverem em parte alguma da terra e em tempo algum da história chegado a conhecer a organização patriarcal da família. Para a escola de Lê Play seria a exceção única conhecida: "Todas as raças arianas, semitas, teriam passado por um organizador período patriarcal, as gentes pretas nunca..."³⁹

Passemos agora ao terceiro e último elemento de análise do capítulo intitulado O Brasil Social e os Elementos que o Plasmaram - Os métodos e processos da Escola de Le Play. A última parte de tal capítulo é dedicada ao elemento branco, o português, presente na formação do brasileiro.

Ao português devemos a colonização por uma raça européia, seu sangue e suas idéias, que nos prendem ao grande grupo de povos da civilização ocidental.⁴⁰

Para Sílvia Romero, os portugueses seriam a ponte que nos uniria a um padrão de civilização europeu. Podemos reafirmar que, por mais que se falasse em restituir aos outros grupos étnicos à parte que lhes cabia da nossa história, é sempre o padrão cultural e social do branco que prevalece enquanto referência. Não há aqui a necessidade de ilustrar com citações a longa ode aos portugueses tecida por Sílvia Romero. Ainda assim, há uma observação importante no que diz respeito a possibilidades de comparação entre Brasil e Portugal.

a exiguidade do país, que lhe garante um clima quase igual por toda à parte, com exceção dalguns pontos serranos mais altos, traz como consequência imediata à quase identidade das culturas.⁴¹

³⁸ ROMERO, 1980, p.216

³⁹ ROMERO, 1980, p.246

⁴⁰ ROMERO, 1980, p.107

⁴¹ ROMERO, 1980, p.247

Se observarmos esta citação com relação a Portugal, talvez possamos pensar que as grandes dimensões territoriais do Brasil fossem consideradas um empecilho ao nosso desenvolvimento, assim como a falta de coesão social, e a consequente necessidade de forjar um fator de identidade nacional.

Se existem mesmo contradições como a questão do romantismo presente no cerne do pensamento romeriano, a relação estabelecida com as referências civilizacionais portuguesas pode ser encarada como uma contradição a mais. Isso porque para o escritor, naquele tempo, já estava mais do que na hora de romper definitivamente com os velhos laços portugueses, tanto em termos políticos, quanto no que concerne às tradições, e ainda, em termos "intelectuais".

O Brasil não é, não pode, não deve mais ser uma cópia da antiga metrópole. É mais que tempo de firmarmos nossa completa independência intelectual. Há muito que o reino não nos pode mais ser um modelo.⁴²

No entanto, essa posição de ruptura não é o que prevalece ao fim da leitura de suas obras. Por mais que se afirmasse que a modernidade levaria Portugal para longe de nossas idéias, Sílvio Romero ainda insiste em uma idéia de Brasil com fortes referências portuguesas.

Assim, idéias deterministas e racistas embasam o pensamento de Sílvio Romero sobre o Brasil que à época precisava encontrar sua identidade de nação. Mas encontrar a identidade de um país não era tarefa que caberia a qualquer pessoa. O Romantismo havia ditado que caberia ao poeta, ou ainda, aquele que fizesse uso de pena e papel, procurar, através de um estudo crítico encontrar as verdadeiras e valoráveis tradições de um povo, para que este se desprendesse das antigas amarras colonizadoras.

A literatura vista por um viés culturalista⁴³, compreendia um amplo campo de expressões na forma escrita, considerando literário não apenas escritos de poesia e prosa de ficção, mas também escritos de ordem jurídica e científica. Ancorado na teoria de Taine, que acreditava ser a literatura um reflexo direto do

⁴² ROMERO, 1980, p.96

⁴³ Podemos falar de dois principais conceitos de literatura existentes à época. Um, de orientação francesa privilegiava os aspectos puramente estéticos da obra, entendendo a literatura como a arte da palavra. Já o outro, de orientação alemã, encarava a literatura em seu sentido amplo, como sinônimo de cultura.

meio do qual fazia parte o escritor, Romero faria sua crítica literária em busca de determinar as leis naturais que atuavam sobre a literatura e sociedade brasileira. Uma vez determinadas tais leis, seria possível intervir em tais campos, atitude que novamente caberia ao homem de letras.

Mas num país de dimensões gigantescas como o Brasil, a literatura assumiria diversas faces nas diferentes regiões do país. Buscava-se determinar os denominadores comuns da nação, ainda que fosse preciso considerar a "variedade na unidade" como fator de identidade literária, cultural.

Capítulo 2

A variedade na unidade

A função literária e intelectual de nossas antigas províncias não é a de criarem literaturas à parte, como, com alguma ironia, se alvitra no Rio de Janeiro (...) A função das províncias (...) é a de produzirem a variedade na unidade e fornecerem a capital os seus melhores talentos. Silvio Romero, *Momento Literário*, 1910.

Outro eixo estabelecido para a análise da *História da literatura brasileira* de Sílvio Romero, foi à questão do regionalismo.

Se pensarmos o regionalismo dentro das letras, podemos defini-lo enquanto uma literatura que expressa costumes e tradições regionais. No momento em que se buscava construir uma identidade para a nação, nada mais propício do que a elaboração de uma literatura que se diferenciava das demais existentes no globo, através da exaltação das peculiaridades locais. Isso porque, se falamos em identidade na literatura e mesmo no âmbito nacional, tal fala só faz sentido quando comparamos nossa identidade com as outras existentes. Afinal, a identidade nada mais é do que um conjunto de características que distinguem uma coisa ou pessoa, e graças as quais é possível individualizá-la.

No que concerne à questão do regionalismo, este parece se encontrar bastante atrelado ao que diz respeito ao determinismo geográfico de Sílvio Romero,

O problema do regionalismo se encontra atrelado ao problema do nacionalismo nas letras, uma vez que uma das buscas de Romero era pelo fator identitário da nossa literatura. E não apenas. Poderíamos também pensar no próprio lugar de onde falava Romero, na medida em que ele próprio teria integrado o grupo de homens de letras, a chamada "geração de 1870", que teve como principal sede a

Faculdade de Direito do Recife. Romero reclamava a supervalorização da capital Rio de Janeiro, em detrimento de outras regiões do país.

No que diz respeito à busca por uma identidade dentro da literatura, Romero tece um longo comentário, onde trata dos primórdios de tal procura. Para o escritor, teria havido uma primeira fase, onde se teria buscado por uma "raça" que nos caracterizasse, excluindo a importância dos outros grupos étnicos. Teria sido reservado um momento para a exaltação do português, posteriormente do negro, e por último do indígena, que teria prevalecido por um longo tempo.

Após algum tempo, os escritores teriam se convencido de que a questão da identidade literária não estaria ligada as diferentes etnias, mas sim nas divisões geográficas do país. Neste segundo momento, não importaria mais o indígena, o negro ou o luso, e sim o sertanejo, o matuto, o caipira e o praieiro.⁴⁴

Entretanto, Romero afirmava que o Brasil não era nada disto. Haveria um "espírito geral" que os compreenderia, o "espírito popular", subjetivo à nação, que não poderia ser fabricado, apenas identificado "de forma espontânea".

O caráter nacional não está em falar em *maracás*, e *tangapemas*, tampouco em se lembrar o *xiba*, o *bumba-meu-boi*, o *samba*, etc. Deve estar no sentimento original, no sentir especial do brasileiro. O nacionalismo não há de, pois, ser uma tese objetiva de literatura, a caçada de um título; deve antes estudar o nosso povo atual em suas origens, em suas produções anônimas, definindo a sua intimidade emocional [...] Deve-se proceder ao estudo de nossa poesia e crenças populares, com a convicção do valor dessa contribuição [...] para a compreensão do espírito da nação [...] Eis aí a traços largos a propaganda que eu faria se tivesse qualidades tribunícias [...] É ainda uma das idéias mais queridas da intuição anglo-germânica a guerra à centralização do pensamento nacional, a oposição à imitação do *parísismo*. O Brasil é o Rio de Janeiro!... dizemos, macaqueando inconsideradamente a frase - a França é Paris!... Não cansarei de bradar contra semelhante absurdo. Não somente há tendências diversas na literatura das províncias ao norte e ao sul como as há especialmente das províncias para a Capital e tais diferenças devem ser mantidas. [...] Estou muito longe de aceitar a superioridade intelectual das nossas províncias meridionais sobre as do Norte, e vice-versa.⁴⁵

⁴⁴ BOSI, 1983, p. 202

⁴⁵ ROMERO, 1980, p.148-150

Sinceridade, originalidade, espontaneidade. Características da crítica romântica. Novamente percebemos Romero imerso no ambiente teórico do romantismo. Sem contar que, durante todo o tempo, o que está em jogo é de fato o problema do nacional, um problema romântico por excelência.

Nesta fala do escritor, aparece ainda uma questão que mais tarde estaria presente no *Momento Literário* de João do Rio: a questão da afirmação da identidade nacional através da idéia de "variedade na unidade".⁴⁶

Outra vez aparece também a questão do popular, o que já nos remete ao caminho que foi traçado até chegarmos a real valorização da cultura popular nas primeiras décadas modernistas do século XX.

De todo modo, uma das tendências marcantes do regionalismo da época, é a tentativa de desviar a produção cultural do país para outras regiões que não apenas a capital Rio de Janeiro.

Não sonhemos um Brasil uniforme, monótono, pesado, indistinto, nulificado, entregue à ditadura de um centro regulador das idéias.⁴⁷

Para estabelecer um contraponto de idéias entre escritores coetâneos, podemos citar o crítico José Veríssimo. Um quarto de século é o tempo que separa a publicação de sua *História da literatura brasileira* da obra homônima de Sílvio Romero. No entanto, podemos notar duas posturas bastante diferentes quanto à questão do regionalismo. Num texto de Veríssimo, publicado por José Olympio, em 1912, chamado, *Letras e Literatos*, Veríssimo nos fala sobre o *instinto da nacionalidade*, que teria permanecido como marca principal da nossa literatura pátria:

Essa primeira inspiração literária desenvolveu-se consoante as influências do momento, mas em suma o instinto da nacionalidade não raro estreitado até o indigenismo caboclo e o pitoresco sertanejo, ficou a marca da nossa literatura.⁴⁸

Fato significativo é que, ao falar sobre os escritores da nossa literatura, Veríssimo deixa transparecer tendências românticas na sua crítica.

⁴⁶ ver Sílvio Romero *apud* João do Rio, *O momento Literário*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910. p. 16

⁴⁷ ROMERO, 1980, p. 151

⁴⁸ VERÍSSIMO, José. *Letras e Literatos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1912. p.85

Dos que me parecem passíveis de censura é de, nesse interesse quase exclusivo, não terem senão raramente sabido compenetrar-se da mesma alma sertaneja, nem defini-las profundamente [...] Faltou a maioria dos que aqui fizeram esta literatura rústica menos o conhecimento [...] que o sentimento, a compreensão que vem da íntima afinidade do artista com seu assunto [...] foi antes com a mentalidade européia, com o sentimento europeu, com a estética, os processos, as modas, os cacoetes literários estrangeiros, do que com profunda simpatia que ela foi feita.⁴⁹

Veríssimo escreve sobre a ausência de uma inspiração sincera e original, ausência esta que teria ambientado uma literatura impregnada de elementos artificiais. Por isso, Veríssimo apostava numa saída para a literatura regional :

Por mim creio que há na literatura regional, quando ela se libertar de preconceitos bairristas e se desfizer de arrebiques e posturas literárias, e for superiormente espontânea e sincera, uma preciosa fonte de enriquecimento para a literatura nacional.⁵⁰

Tal idéia se faria presente também no texto da *História da literatura brasileira* de Veríssimo. Ali o escritor nos informa tanto sobre sua idéia acerca da literatura regional, quanto sobre a "seleção natural que o senso comum opera nas literaturas"

A história da literatura brasileira é, no meu conceito, a história do que da nossa atividade literária sobrevive na nossa memória coletiva de nação. Como não cabem nela os nomes que não lograram viver além do seu tempo também não cabem nomes que por mais ilustres que regionalmente sejam não conseguiram, ultrapassando as raias das suas províncias, fazerem-se nacionais.⁵¹

Podemos também notar que, do mesmo modo que na obra de Sílvio Romero, a questão do regionalismo em Veríssimo encontra-se também ligada ao próprio determinismo geográfico. Nada mais cabível, já que sabemos que a principal referência sobre a crítica literária de Veríssimo é o próprio Taine, que dava

⁴⁹ VERÍSSIMO, 1912, p. 85-86

⁵⁰ *idem*

⁵¹ VERÍSSIMO, 1981, p. 33

demasiada importância ao meio⁵² onde se dava o processo de criação da obra literária. É interessante notar a semelhante existência - tanto em Romero, quanto em Veríssimo - de um certo sentimento "bairrista" no que diz respeito à produção literária da região norte do país.

Veríssimo diz estar preservado na região norte, uma grande concentração de brasileirismos, o que justificaria tal "qualidade" e "quantidade" da produção. A razão desta concentração de "brasileirismos" teria causas deterministas. A região norte, a mais quente do país, teria conservado com mais fidelidade às antigas culturas. Para Veríssimo, a literatura do norte estaria mais carregada de sensibilidade, emotividade, imaginação. E pelo fato de ter sido a primeira região ocupada na época do descobrimento, contaria ainda com uma tradição mais enraizada no tempo.

Sílvio Romero também deixou expresso em sua obra o intuito de "ressaltar a não- inferioridade do norte". Um exemplo pode ser dado através da pendenga ocorrida com o escritor fluminense Machado de Assis.

A expressão: "instinto de nacionalidade" remete a tal conflito que não poderia deixar de ser citado neste trabalho. Refiro-me ao conflito ocorrido entre Machado de Assis e Sílvio Romero, que começou alguns anos antes da publicação da *História da Literatura Brasileira* aqui estudada. A discussão entre os dois escritores teve início com a publicação de um artigo, sobre a "geração de 70" de Machado de Assis, escrito em 1879, na *Revista Brasileira*. Tal artigo de Machado criticava as tendências cientificistas e anti-românticas do grupo, criticando também a falta de estilo dos textos de Romero e a exagerada exaltação dos escritores da chamada Escola do Recife. O artigo de Machado teria provocado a fúria de Sílvio Romero, que revidaria escrevendo artigos, e, posteriormente um livro, onde atacava o escritor fluminense, comparando-o ao escritor nordestino Tobias Barreto.⁵³

⁵² Devemos entender que "meio" neste contexto, significa muito mais que o limite geográfico. "Meio" deve ser compreendido como a somatória do clima, fauna, flora e ambiente, mais as relações de hábitos, costumes e expressões artísticas.

⁵³ ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis*. Estudo comparativo de literatura brasileira. Rio de Janeiro, Laemmert, 1897.

As críticas a Machado de Assis se baseavam no pensamento naturalista e evolucionista de Romero, que o faziam censurar o escritor pelo seu modo "atrasado" de fazer literatura. Para Romero, a literatura de Machado não estava de acordo com o meio do autor, tampouco com o tempo histórico por ele vivido. Machado, estando em desacordo com as tendências contemporâneas, escrevia de modo "anacrônico" mesclando duas escolas literárias já superadas ao olhar evolucionista de Romero: o classicismo e o romantismo.

Romero contava ainda com o critério nacionalista de crítica, segundo o qual a obra de Machado também era julgada. Para Sílvio, Machado de Assis *não* expressava em sua literatura aspectos como a paisagem, natureza, colorido e grande força imaginativa característicos de uma literatura que contribuiria para a diferenciação nacional. Além disso, o humor e a ironia machadiana eram encarados como elementos artificiais na obra do escritor, uma vez que ironia e humor eram traços encarados sob a ótica etnográfica de Romero, e pertenceriam estritamente aos povos arianos e germânicos, restando ao brasileiro a má imitação e assimilação de tais traços.

Contudo, podemos pensar que tal pendenga assumiu também um caráter regionalista. Ao abordar a obra de Machado daquele modo, Romero daria início a uma disputa entre o grupo fluminense de escritores (frequentadores das tardes na livraria Garnier) e o grupo do Recife.

O grupo do Recife passaria a contestar a influência dos escritores do Rio de Janeiro. Romero declararia guerra à corte, acreditando que esta poderia sufocar as "livres aspirações das províncias, sobretudo as do Norte".

Em meio a tais acontecimentos, a literatura no Brasil que até então era o "lugar" onde os escritores pensavam o Brasil sob um viés cultural e político, deixaria de lado tal enfoque, para iniciar outra discussão: a profissionalização do crítico e do escritor. Após a estabilização política, com a proclamação da República, os escritores assumiriam uma missão estritamente literária. Como consequência de tal mudança, podemos observar a criação da Academia Brasileira de Letras, em 1897. Através da iniciativa de um grupo capitaneado por José Veríssimo, e sob a presidência de Machado de Assis, a Academia brasileira

de letras se tornou um lugar de onde se reuniam escritores de "hábitos sóbrios, que não incluíam combatentes raivosos como Romero".⁵⁴ Iniciava-se um outro período da história do Brasil.

⁵⁴ VENTURA, 1991, p. 102-107

Capítulo 3

Rumo a um Brasil moderno ?

O povo brasileiro, como hoje se apresenta, se não constitui uma só raça compacta e distinta, tem elementos para acentuar-se com força e tomar um ascendente original nos tempos futuros. Talvez tenhamos ainda de representar na América um grande destino cultur-histórico. Sívio Romero, História da literatura brasileira, 1888.

Quanto à questão do moderno presente na HLB de Sívio Romero, temos enquanto traço marcante a idéia de ruptura com os antigos laços portugueses, tanto no que diz respeito à busca por uma autonomia política, quanto intelectual.

Temos elementos que Portugal não possui : um país vasto e rico, de um clima mais variado do que o do reino, uma população mais abundante e composta de raças que lá não existem [...] O Brasil não é, não pode, não deve mais ser uma cópia da antiga metrópole. É mais que tempo de firmarmos nossa completa independência intelectual. Há muito que o reino não nos pode mais ser um modelo. As atuais populações do país não vivem mais nele como estrangeiras; afizeram-se ao solo; prendem-se-lhe já por um sem-número de tradições, de hábitos, de interesses; a vida brasileira já tem um molde particular, seu, mais ou menos caracterizado.⁵⁵

Talvez se possa encarar enquanto traço de modernidade, não apenas a necessidade de se afirmar enquanto nação autônoma, independente tanto político quanto intelectualmente de Portugal, mas também o fato de que o escritor em questão ter se apropriado de correntes de pensamento características da fase moderna.

Não se pode deixar de encarar enquanto moderno todo o processo pelo qual o Brasil passava naquele dado momento, o próprio "processo civilizador" adentrava os trópicos, e é certo que isso se faz presente nos escritos da época, mais ainda naqueles que pretendiam ser de intenções científicas. A própria figura do intelectual preocupado com sua função social, assim como a função da literatura propriamente dita, aparece neste momento da história do país, e quanto a isso, é possível citar vários exemplos que deixam claro a consciência de Romero e outros críticos da época, sobre suas funções enquanto homens de letras.

⁵⁵ ROMERO, 1980, p. 96

Todo homem que empunha uma pena no Brasil deve ter uma opinião assentada sobre tais assuntos (federalismo, república e organização municipal, aproveitamento da força produtora do proletariado, a organização do trabalho em geral, a boa distribuição da propriedade territorial, colonização estrangeira, grande naturalização, reforma do ensino teórico e técnico) se ele não quer faltar aos seus deveres, se não quer embair o povo [...] Nossa crítica não tem sido tão dissolvente, como aos inimigos aprouve assoalhar. Inspiramo-nos sempre no ideal de um Brasil autônomo, independente na política, e mais na literatura.⁵⁶ (ROMERO, 1980, p.13-14 e 15)

Neste ponto podemos voltar ao texto inicial deste trabalho, quando a crítica é tratada como um instrumento de intervenção social do homem de letras. Aliada a esta idéia, encontra-se o fato de que o Brasil era pensado enquanto uma nação em vias de formação. Toda essa preocupação em interpretar e conhecer o país, justifica a intenção desses sujeitos em intervir no futuro nacional. Ainda que fossem apontados todos os defeitos advindos, segundo o escritor, das etnias que concorreram para a formação do tipo brasileiro, pensava-se na possibilidade de corrigir tais desvios. Um dos artifícios que poderia ser usado, nos remete a questão do branqueamento progressivo. Através de políticas de imigração, incentivadas graças a um ideal europeizante presente na época, Romero pensava poder salvar da não-civilização os grupos étnicos que considerava inferiores aos brancos.

Pensar a questão do moderno tendo como ponto de partida o pensamento de Sílvio Romero, é pensar sim na ruptura com as velhas amarras portuguesas. Porém, é pensar na questão da apropriação das correntes teóricas européias, e nos estudos do popular para alicerçar uma perspectiva do que seja o nacional. Pode-se pensar que estavam ali em gérmen algum dos pressupostos daqueles que pensariam o Brasil por um viés racista e determinista, mas já com vistas às teorias culturalistas. O próprio Gilberto Freyre, atualizaria parte do pensamento de Romero na estruturação de sua teoria sobre a "democracia racial" no Brasil.

A partir de 1930, com a ênfase no social, no cultural e no econômico [...] o perfil interpretativo passou a ser moldado não

⁵⁶ ROMERO, 1980, p.13 a 15

mais pelos conceitos de *raça* e *natureza*, mas pelos de *cultura* e *caráter*. Desse filão, deriva a "democracia racial" de Gilberto Freyre, pedra da fundação do "novo mundo dos trópicos"⁵⁷

Ruptura com as tradições portuguesas, teorias científicas europeias, passagem do pré-modernismo ao modernismo no que diz respeito ao pensamento sobre a formação ético-cultural do Brasil. São alguns dos pontos que podemos considerar traços que nos informam sobre o moderno dentro da *História da literatura Brasileira* de Sílvio Romero.

⁵⁷ VENTURA, 1991, p. 67

Conclusão

O espetáculo das idéias

A crítica moderna nasceu de uma luta contra o Estado Absolutista; a menos que seu futuro se defina agora como uma luta contra o Estado burguês, é possível que não lhe esteja reservado futuro algum.
Terry Eagleton, *A função da crítica*, 1991.

Em 1910, Sílvio Romero escreveu uma carta a João do Rio, como resposta ao inquérito que levou o nome de *O momento literário*, publicado em volume no Rio de Janeiro, pela Garnier⁵⁸. Tal inquérito indagava os escritores da época acerca de questões sobre o mundo da literatura, questões que dariam uma boa investigação até mesmo nos dias de hoje.

João do Rio, afirmou que a realização desse inquérito aconteceu devido a grande curiosidade do público, em saber dos aspectos pessoais de seus escritores, mais do que da obra⁵⁹. Essa curiosidade, nada mais seria do que uma consequência dos efeitos do jornalismo sobre a literatura. Para o jornalista João do Rio, a crítica literária clássica, aquela praticada por Sainte-Beuve, Schlegel e Hennequin havia sido substituída pela reportagem, ou nela se misturado. Não se fazia mais a crítica da moral e dos costumes. O que importava ao público, era que a imprensa, que falava de tudo e de todos, passasse também a falar dos literatos. As pessoas queriam saber sobre a vida daqueles que passavam suas tardes no interior das livrarias e cafés, a opinar sobre as escolas de arte, literatura, poesia e coisas dessa natureza.⁶⁰

Nas palavras de João do Rio, ficaram expressas marcas que nos informam sobre o próprio ambiente social de um grupo que passava então a se enxergar enquanto tal. Não se falava mais no escritor boêmio, desalinhado, nem mesmo nas noites em claro e nas mortes por embriaguez. Esse tipo de romantismo⁶¹ já

⁵⁸ RIO, João do. *O momento literário* Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

⁵⁹ *Idem*, 1910.
1910.

⁶⁰ *Idem*,

⁶¹ O romantismo aqui referido diz respeito à chamada segunda geração romântica. Esta geração de escritores é conhecida por suceder a primeira leva de escritores românticos que haviam dado a sua obra um caráter

era visto como algo descabido num Brasil que procurava os caminhos da modernização. A estética agora seria outra. Os escritores interessavam-se mais em demonstrar suas vaidades e o luxo das vidas que levavam, a passar a vida sem dinheiro, na mais pura boemia. O que de fato interessaria a esses escritores, segundo as palavras de João do Rio, seria apenas conquistar o gosto do público, "ser lido, ser notado".⁶²

De acordo com João do Rio, a atitude social do homem de letras havia ficado para trás juntamente com toda a "descompostura" do período anterior. O que vigorava era o individualismo e o desinteresse da classe pensante pelas causas sociais. O que João do Rio afirmava é que, de certo modo, o processo de profissionalização do escritor que se operava dentro das redações dos jornais, teria feito com que a velha crítica fosse abandonada, dando lugar aos escritos que apenas agradavam ao público. O mercado das letras sobrepujava agora quaisquer outras forças. A progressiva profissionalização do escritor, somada ao desenvolvimento da imprensa brasileira, deixou esquecida nas prateleiras empoeiradas das bibliotecas o velho fazer crítico. Para João do Rio, que escrevia o *Momento Literário* em 1910, a crítica não mais ocupava o lugar de mediadora entre obra e público.⁶³

Uma das questões que se buscou investigar nesse trabalho, é justamente a correlação existente entre o processo acima descrito, e o ocorrido, guardadas as devidas proporções, alguns séculos antes na Europa, mais exatamente na Inglaterra. Ao ler as linhas de João do Rio não há como deixar de pensar no que escreveu Terry Eagleton em *A função da crítica*⁶⁴

Certo é que, na Inglaterra, o nascimento da crítica moderna foi fruto de uma luta travada entre a burguesia ascendente e o Absolutismo, nos séculos XVII e XVIII. Nesse período, a burguesia inglesa teria criado para si um espaço de

altamente nacionalista. A segunda geração romântica, de Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, percorreu os caminhos do subjetivismo, como Byron e Musset. Alguns dos escritores desse grupo, morreram em plena juventude, exemplificando a nova temática de amor e morte, dúvida e ironia, entusiasmo e tédio.

⁶² RIO, João do. *O momento literário* Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

⁶³ *Idem*, 1910.

⁶⁴ EAGLETON, Terry. *A função da crítica*. São Paulo : Martins Fontes, 1991.

atuação denominado por Habermas como "esfera pública".⁶⁵ Porém, por mais que houvesse a intenção de se desprender dos moldes tradicionais absolutistas, a esfera pública burguesa "consolidou-se mais na esteira do absolutismo político do que como uma resistência oferecida ao mesmo" ⁶⁶.

Os cafés da Londres daquele século, passariam a ser os pontos de encontro de pessoas das altas classes inglesas que ali buscavam trocar opiniões, assim como formar grupos. Tudo acontecia com base num discurso igualitário, substituindo o teor autoritário do julgamento aristocrático por uma simples conversa entre pessoas polidas e educadas. As idéias surgidas como frutos de tais encontros se tornariam públicas graças a considerável circulação de periódicos daquele período. No caso da Inglaterra, o *Tatler* e o *Spectator* foram dois importantes veículos da fala burguesa⁶⁷.

No entanto, para além do simples volume de informações que circulava, o que estava de fato em jogo era a criação e "consolidação ao nível do signo, de um novo grupo dominante" - a burguesia.

Os periódicos dos primórdios do século XVIII foram um elemento fundamental da emergente esfera pública burguesa. Representaram, como escreve A. S. Collins, uma influência educativa muito poderosa, que também afetou a política, através da formação de uma ampla opinião pública nacional⁶⁸

De um modo sutilmente semelhante, aqui no Brasil, o avanço da imprensa na virada do século XIX foi importante por agregar os homens de letras dando legitimidade ao que produziam na época, uma vez que estes passavam a agir em nome de um interesse comum. A imprensa funcionaria neste momento como um grande catalisador e divulgador do discurso acerca do Brasil, que passava a ser observado e interpretado naquele momento.

A crítica, do mesmo modo que no além-mar, não nasceria especializada. Eram sobretudo professores, advogados, médicos e engenheiros os sujeitos que faziam da crítica literária, teatral, uma atividade subjacente. Eram esses sujeitos

⁶⁵ HABERMAS, Jiirgen. *Strukturwandel der Öffentlichkeit*, Neuwied, 1962 *apud* EAGLETON, Terry. *A função da crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

⁶⁶ *Idem*, 1991, p. 5

⁶⁷ *Idem*, 1991, p. 6

⁶⁸ *Idem*, 1991, p. 11

antes de tudo, leitores, frequentadores das rodas literárias, como por exemplo a da própria loja da livraria Garnier. Situada na rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, a Garnier recebia nos fins de tarde carioca, figuras como Machado de Assis, Gonzaga Duque, Sílvio Romero e Coelho Neto.

É certo que das tintas das penas desses escritores não surgia uma crítica simplesmente literária. Por de trás da análise da ficção, era feita também a crítica cultura nacional.

Se na Inglaterra, já em 1730 as forças de produção literária expandiam rapidamente, aqui no Brasil, a imprensa teve seu grande avanço na virada do século XIX, após um longo período que vinha se desenrolando desde de a vinda da corte portuguesa em 1808. Segundo Terry Eagleton, a partir de 1730, a Inglaterra testemunha uma acentuada aceleração da produção literária, uma ampla difusão das ciências e das letras e, nas décadas de 1750 e 1760, uma verdadeira explosão de periódicos literários⁶⁹.

Mais do que isso, no final do século XVIII, a Inglaterra testemunha o nascimento da classe operária, e com ela, a emergência de uma contra-esfera pública, que passa a impulsionar mudanças na ordem burguesa estabelecida⁷⁰. Um momento correlato na história do Brasil (o nascimento de uma classe operária) se daria já um século depois, na virada do século XIX para o XX, quando ocorreu a transição do trabalho escravo para o livre, assim como a mudança do regime monárquico para o republicano⁷¹.

Na Inglaterra, a essa altura, a figura do crítico, segundo Eagleton, já havia perdido seu importante papel de mediador entre a obra literária e seu público leitor. A crítica política impregnava os textos publicados, fazendo com que a literatura fosse regida apenas pelas leis mercadológicas e nada mais. Houve neste período uma tentativa de resgate da velha função da crítica, por aqueles que Terry Eagleton chamou de "homens de letras". Esse sujeito, tentaria resgatar a função social da crítica. Faziam parte da classe dominante da época, e tinham como principal função

⁶⁹ EAGLETON, 1991. p. 23.

⁷⁰ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. São Paulo : Paz e Terra, 2002.

⁷¹ COSTA, Emilia Viottí da. *Da Monarquia à República*. São Paulo : UNESP, 1999

instruir, consolidar e confortar - proporcionar a um público leitor desorientado resumos de popularização do pensamento contemporâneo, abrangendo de descobertas geológicas à crítica Superior, que pudesse refrear as tendências socialmente desagregadoras da perplexidade intelectual⁷²

No entanto, a tentativa de resgatar o modelo da esfera pública clássica não prosperou. Tinha-se agora em oposição ao livre jogo de opiniões da esfera pública do século XVIII, o controle centralizado do mercado discursivo do século XIX. Esse homem de letras, encontrava-se à beira do processo de profissionalização, o que parecia agir como mais um causador da dissolução da atividade social da crítica. Isso porque, na medida em que o crítico se especializava e adentrava a academia, afastava-se cada vez mais de sua atuação social⁷³. Finalmente no século XIX, a crítica migra para as universidades, separando de uma vez a literatura das preocupações sociais.

Essa involução possuía um claro fundo sociológico. O crítico mediador era um "homem de letras", ou um burocrata e professor - mas, invariavelmente, alguém cuja atividade literária não coincidia com sua fonte principal de renda. O crítico do alto modernismo, ao contrário, foi quase sempre um professor de literatura. Essa "regularização" do trabalho literário do crítico influiria muito no eclipse da sua distância crítica face à ideologia estética dominante. O processo foi, naturalmente, lento e gradual (...) Porém a tendência ao crítico universitário logo se estabilizaria (...) a crítica (transformada é claro, em circumspecta "análise" literária) se tornou cúmplice das seitas literárias hegemônicas - hegemônica e orgulhosamente elitista, auto-separadas do leitor comum⁷⁴.

Afinal de contas, qual o motivo dessa incursão à história de um mercado das letras ? Por que falar da gradual profissionalização do homem de letras, questões que parecem mais ligadas aos assuntos econômicos que propriamente literários, ou da história do pensamento ?

Segundo Flora Sussekind⁷⁵, não devemos separar as formas de produção literárias da história dos meios de comunicação e de suas técnicas, pois

⁷² EAGLETON, 1991, p.40

⁷³ *Idem*, 1991, p.43

⁷⁴ MERQUIOR, José Guilherme. *O vampiro ventríloquo* IN Tempo Brasileiro V, 1981

⁷⁵ SUSSEKIND, Flora. *Sobre o Pré-Modernismo*. Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

Quando as idéias são separadas dos meios usados para transmiti-las, são desligadas também das circunstâncias históricas que as enformam, e se torna difícil compreender o contexto cambiante em que devem ser visualizadas⁷⁶.

No que concerne a história do Brasil, um ponto importante a ser abordado é a questão da transição do que se convencionou chamar de pré-modernismo, para o modernismo.

Sílvio Romero, num trecho da carta escrita para o inquérito de João do Rio, nos fala sobre seus "brasileirismos". Este talvez seja um ponto onde podemos especular sobre as mudanças no pensamento sobre, principalmente, raça e meio, operadas naquele momento. Em tal trecho da carta, Romero responde a questão do inquérito que indagava sobre suas origens literárias. A resposta de Romero remonta a sua biografia. Fala ao leitor sobre sua mãe, de sua infância em um engenho, onde teria travado contato com a cultura brasileira da qual seria estudioso por toda a vida.

Eu tinha seis semanas. Fui transportado para o engenho dos meus avós maternos (...) na região chamada o Piauí (...) O sítio era delicioso, com trechos de mata virgem, belos outeiros fronteiriços, riachos correntes e o engenho. Este era dos de animais. São os mais poéticos na cena de sua movimentação específica (...) Quando os bois ou cavalos eram mansos, eu trepava também na almanjarra e ajudava a cantar algum dos tangedores:

"Pomba voou, meu camarada, avoou, que hei de fazer ? Quem de noite leva a boca, De dia que há de comer ?"

(...) Tudo o que sinto do povo brasileiro, todo meu brasileiro, todo meu nativismo vem principalmente daí. Nunca mais o pude arrancar d'alma, por mais que depois viesse a conhecer os defeitos da nossa gente, que são também os meus defeitos. Outra coisa me ficou incrustada no espírito, e com tanta tenacidade que nunca mais houve crítica ou ciência que dali má extirpasse : a religião. Devo isso à mucama de estimação, a quem foram, em casa de meus avós, encarregados os desvelos de minha meninice. Ainda hoje existe, nonagenária, no Lagarto, ao lado de minha mãe (...) Dormia comigo no mesmo quarto, e, quando por alta noite, eu acordava, lá estava ela de joelhos...rezando... Bem cedo aprendi as orações e habituei-me

⁷⁶ SUSSEKIND, 1988, p. 33

tão intensamente a considerar a religião como coisa séria, que ainda agora a tenho na conta duma criação fundamental e irredutível da humanidade.⁷⁷

Quando Romero fala de seu "brasileirismo", ou mais adiante, de seu folclorismo, é preciso pensar nas tendências usadas para pensar a cultura brasileira naquele período. Sabe-se que a questão das "raças", tratada no capítulo II deste trabalho, foi importante durante o longo período do século XIX. Desde a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), tal questão é marcante nos trabalhos de quem começava a pensar e interpretar o Brasil. Até o movimento modernista, atrelou-se "raça" à idéia que se tinha de cultura. Além disso, pensava-se a "raça" sob viés do determinismo não só biológico como geográfico. Estudava-se "o meio" na tentativa de captar as leis que determinavam a formação dos grupos raciais.

Foi na esteira desse determinismo biológico e geográfico que Sílvio Romero analisou a sociedade brasileira, na tentativa de identificar os tipos brasileiros e seus defeitos. Apontar para posteriormente corrigi-los, uma vez que era essa a "missão" do homem de letras, segundo o próprio Romero. Por de trás desses estudos havia uma questão maior, afinal, todos os estudos desembocavam na questão da formação de uma identidade nacional, e na própria construção do que seria uma cultura nacional. Por isso a preocupação em desvendar o brasileiro, esse tipo mestiço, detentor de características advindas dos três povos que o formou. Procurava-se saber sobretudo, se tinha ou não o brasileiro algum tipo de tradição valorável, e no caso positivo, que tradição seria essa então. Daí o porque de, na esteira do ideário romântico, buscar as origens de tais tradições aonde ela parecia mais evidente: na cultura popular.

O Lagarto, naquele período, era uma terra onde os festejos populares, reisados, cheganças, bailes pastoris, taieiras, bumbas-meu-boí... imperavam ao lado das magníficas festividades da igreja. Saturei-me desses brasileirismos, desse folclorismo nortista. Não devo ocultar certa ação de dois livros que foram, nos (...) tempos da escola primária, a base do ensino do meu (...) mestre de primeiras letras. Um, o "Epítome da História do Brasil" (...) de Rocha Pita (...) o outro, os "Lusíadas", por muitos trechos que me encantavam. O Brasil de Pita, ficou

⁷⁷ Ver Sílvio Romero, *apud*, João do Rio *O momento literário* Rio de Janeiro : Garnier, 1910

sendo meu Brasil de fantasia e sentimento; a poesia de Camões ainda hoje é uma das mais elevadas manifestações da arte no meu ver e sentir, e, com seu ardente amor da pátria, fortaleceu meu nativismo.⁷⁸

Não é difícil notar nestas linhas que estava sendo trilhado o caminho que seguiriam alguns dos modernistas posteriormente⁷⁹. Diferentemente de muitos dos escritores do período que antecedeu o movimento modernista, os escritores modernos tiveram a pretensão de rever as abordagens racistas, assim como diminuir a distância entre o erudito e o popular, como por exemplo o trabalho de pesquisa folclórica realizado por Mário de Andrade. Foram então de encontro ao povo, fazendo do popular o novo mote para se pensar o nacional. De toda forma, o pensamento modernista proporcionaria o nascimento de um novo modo de encarar o mundo, e principalmente o Brasil.

Após conhecer brevemente a obra de Sílvio Romero, pode parecer contraditório imaginá-lo pensando o Brasil sob um viés romântico. Mesmo porque Romero combatia publicamente o romantismo, seja no seu sentido estético, seja no sentido ético ou ideológico⁸⁰. No entanto, após uma leitura mais acurada de

⁷⁸ ROMERO, 1910, p.16

⁷⁹ É necessário ressaltar aqui que o movimento modernista não formou apenas um grupo compacto e homogêneo de idéias novas. A *semana de 22* serviu como agregadora de diversos grupos de diferentes matizes estéticos e ideológicos. Basta investigarmos algumas das principais publicações de caráter modernistas para percebermos uma variedade de idéias. Primeiramente, é necessário pensar o modernismo dentro dos parâmetros que nos são dados por Alfredo Bosi. O autor da *História Concisa da Literatura Brasileira* coloca o modernismo como uma crítica às antigas estruturas mentais das velhas gerações, e também um esforço de penetrar mais a fundo na realidade brasileira. Quanto aos subgrupos modernistas, podemos observar as seguintes tendências. Em maio de 1922, surgiu a *Klaxon*, mensário de arte moderna publicado em São Paulo. A *Klaxon*, onde escreveram Mario e Oswald de Andrade, surgiria como uma tentativa de sistematização dos novos ideais estéticos, que podemos aqui resumir como duas principais orientações. A primeira, pode ser encarada como "futurista", que primava por uma linguagem aderente da civilização, da técnica e da velocidade. A segunda, "primitivista", colocava a liberação das forças inconscientes, o que nos leva a pensa-la como algo ainda romântico, na medida em que surrealismo e expressionismo seriam neoromantismos radicais do século XX. Uma outra publicação importante para entendermos as diversas cores dentro do grupo modernista foi a revista *Estética*, lançada no Rio de Janeiro em 1924 por Prudente de Moraes, neto, e Sérgio Buarque de Holanda. Bosi caracteriza tal publicação como uma revista de vocação crítica, cujos ensaios eram repletos de ingredientes teóricos futuristas mas já subordinados a uma temática nacional. Um outro ponto importante foi o Manifesto Pau-Brasil, escrito por Oswald de Andrade em 1924. Tal manifesto de características primitivistas e anarcóides, se contrapunha ao Verde-marelismo, corrente nacionalista, que apelava à terra, à raça e ao sangue brasileiro. Os principais nomes dessa vertente eram os de Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Plínio Salgado, que mais tarde viria a adotar posições direitistas dentro da política nacional.

⁸⁰ Sílvio Romero discordava principalmente da vertente indianista do romantismo brasileiro, pelo fato de não acreditar que o indígena merecia ser colocado como principal ícone da identidade nacional. Como vimos, Romero acreditava ser o mestiço (fusão das três "raças") o fator de diferenciação nacional.

seus escritos, suas palavras passam a nos indicar que tal contradição encontra-se instalada no cerne do seu próprio pensamento.

Se retomarmos a parte da carta a João do Rio, onde Sílvio Romero discorre sobre suas origens literárias encontraremos por lá nada mais do que obras de cunho romântico.

Não devo ocultar certa ação de dois livros que foram, nos (...) tempos da escola primária, a base do ensino do meu (...) mestre de primeiras letras. Um, o "Epítome da História do Brasil" (...) de Rocha Pita (...) o outro, os "Lusíadas", por muitos trechos que me encantavam. O Brasil de Pita, ficou sendo meu Brasil de fantasia e sentimento; a poesia de Camões ainda hoje é uma das mais elevadas manifestações da arte no meu ver e sentir, e, com seu ardente amor da pátria, fortaleceu meu nativismo.⁸¹

Nos tempos da Faculdade de Direito do Recife, Romero diz das primeiras obras com as quais teria tido contato. Tais leituras teriam servido como fortalecedoras daquilo que já existia enquanto tendências de seu pensamento

As três primeiras leituras que fiz no Recife (...) foram um estudo (...) acerca dos Niebelungen e da antiga poesia popular germânica; um ensaio de Pedro Leroux sobre Goeth e um livro de Eugênio Poitou sob o título - "Filósofos franceses contemporâneos". O primeiro meteu-me nessas encantadas regiões de folclore, crítica religiosa, mitologia, etnografia, tradições populares, que me tem sempre ocupado. O segundo, nas acidentadas paragens da crítica literária moderna, que tanto me tem dado o que fazer. O terceiro no mundo áspero e movediço da filosofia (...) Mas tudo isso já vinha de trás.⁸²

Deste modo, talvez se possa afirmar que por mais que novas tendências do pensamento cientificista europeu tivessem chegado a este lado do Atlântico, a ambiência intelectual daquele período seria ainda por muito tempo a do romantismo. Afinal, o próprio problema da identidade nacional é em sua origem um problema romântico. Como exemplo, podemos citar os alemães no século XVIII, que dão início à busca de sua identidade, passando a pensar a Alemanha por um foco diferente daquele colocado pela cultura francesa que exercia grande influência no período. De todo modo, é interessante ressaltar que mesmo com a intenção alemã de fortalecer as tradições inerentes ao seu próprio povo, assim

⁸¹ Ver Sílvio Romero *apud* João do Rio, *O momento literário*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

⁸² *idem*

como tornar público os ideais nacionalistas de seus escritores, é através da França que esse tipo de idéia chegaria aos leitores do continente americano.

O *Sturm und Drang*, movimento literário alemão, formado por escritores como Goethe e Schiller, em oposição ao Iluminismo, proclamou a liberdade do artista, valorizando a questão da genialidade e não as normas artísticas pre-estabelecidas. A partir desse movimento de caráter nacionalista, teria sido desencadeado o movimento romântico. A Alemanha passaria a olhar em direção a outras culturas que não à francesa, valorizando também a cultura popular. É baseando-se em estudos orientais, gregos e medievais, os escritores tentariam resgatar a verdadeira tradição alemã.⁸³

Aqui no Brasil, no século XIX, passaríamos a enxergar nossa sociedade sob as lentes do romantismo. Daí toda a discussão inicial em busca das nossas origens. No que diz respeito ao ambiente literário, um marco do romantismo foi a fundação, em 1830, da *Revista Niterói*, visando uma reforma da literatura brasileira. A *Niterói*, que tinha como fundadores Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre, Sales Torres Homem e Pereira da Silva, promoveu os ideais românticos do nacionalismo e da religiosidade, afastando também os velhos padrões clássicos, principalmente o que se relacionava à mitologia pagã⁸⁴. Instalava-se o esforço dos escritores da época em rever e divulgar a literatura de caráter nacional no Brasil, que tais homens já julgavam existente.⁸⁵

Ainda no que diz respeito ao romantismo no Brasil, preocupa aqui menos as questões estéticas relacionadas a este movimento do que uma ambiência teórica mais abrangente. Pensar o movimento romântico é pensar sobretudo no problema da nacionalidade e na ponte que tal movimento significou entre a passagem do período do pré-modernismo para o modernismo.

⁸³ VOLOBUEF, Karin. *Frestas e Arestas: a prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1999.

⁸⁴ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

⁸⁵ É necessário ressaltar que no período tratado, havia uma intensa discussão a respeito deste assunto. Havia um debate entre escritores estrangeiros e nacionais, quanto à afirmação da existência de uma literatura tipicamente brasileira. Dentre os escritores que trataram deste tema estão o próprio Gonçalves de Magalhães, Santiago Nunes Ribeiro, e os estrangeiros Ferdinand Denis e Almeida Garrei

É durante este período que, a figura do poeta é tomada por um sentimento de necessidade de ação, mesmo que por meio das palavras. Alfredo Bosi escreve sobre o poeta, "gênio portador de verdades, cumpridor de missões".⁸⁶ Tal atitude do poeta romântico, nos remete a questão da atuação social do homem de letras, já num período mais adiante, mais próximo da virada do século XIX para o século XX. Podemos rever a figura do combatente crítico Sílvio Romero, que por meio das suas penas pretendia atingir e dirigir o futuro da nação.

Todo homem que empunha uma pena no Brasil deve ter uma opinião assentada sobre tais assuntos (federalismo, república e organização municipal, aproveitamento da força produtora do proletariado, a organização do trabalho em geral, a boa distribuição da propriedade territorial, colonização estrangeira, grande naturalização, reforma do ensino teórico e técnico) se ele não quer faltar aos seus deveres, se não quer embair o povo (...) Nossa crítica não tem sido tão dissolvente, como aos inimigos aprouve assoalhar. Inspiramo-nos sempre no ideal de um Brasil autónomo, independente na política, e mais na literatura.⁸⁷

Inspirado no ideal romântico, Romero falava de um Brasil moderno, autônomo, livre das antigas amarras portuguesas, "independente na política e mais na literatura".

É por meio desta noção de que há uma missão do homem de letras que sujeitos como Sílvio Romero buscariam a construção do que seria o nacional. Através de um fazer crítico naturalista, Romero buscava compreender o funcionamento da atual sociedade brasileira para nela poder intervir. É essa mesma crítica naturalista praticada por Sílvio Romero e outros escritores coetâneos que, aplicada a análise da literatura naquela época, possibilita a nós, leitores de hoje, perscrutar a situação política e histórica do Brasil do século XIX. Sobre tal assunto, Roberto Ventura⁸⁸ nos diz que

A crítica naturalista aborda o texto como reflexo de condições sociais e naturais e estabelece, como critério de valor, a *correspondência entre ambos*. As obras literárias são tomadas como "documentos" que revelam a psicologia de um século ou

⁸⁶ BOSI, 1983, p.99

⁸⁷ ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. p. 15

⁸⁸ VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polémicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.p.88

raça, ao representar a sociedade e a natureza que as produziram (...) O naturalismo deu continuidade à concepção documentalista da crítica brasileira, herdada da tradição romântica, em que o retrato da natureza tropical e dos costumes indígenas se impunha como programa literário nacionalizante.

Mais ainda, o naturalismo que teria predominado na crítica literária brasileira do século XIX, teria sido, segundo Ventura ⁸⁹ o responsável pela abertura aos estudos sobre a sociedade e a história. Como exemplo eloquente, podemos citar o feito de Hippolyte Taine, autor que certamente fez parte das leituras de Sílvio Romero. Em 1863, Taine formulou sua *Histoire de la littérature anglaise*, nas bases da crítica naturalista, que o próprio autor comparava a tarefa da história, pois ambas teriam como objeto não o mundo dos fatos, mas sim as causas que teriam presidido tais acontecimentos.

Três fatores determinariam o estado moral elementar e a atividade espiritual: a *raça*, disposições inatas e hereditárias do homem, o *meio*, ambiente físico e geográfico em que vive uma raça ou povo, e o *momento*, a obra já realizada pelas duas primeiras causas ou fatores⁹⁰.

Essa incursão na questão da crítica e do romantismo, se faz necessária na medida em que nos informa sobre o lugar ocupado pela questão da formação da identidade nacional, juntamente a questão da formação de uma identidade intelectual. A obra aqui estudada, a *História da Literatura Brasileira* do sr. Sílvio Romero foi gerada neste ambiente.

As leituras realizadas pelo escritor, a vida no engenho e o conseqüente contato com a cultura popular, a publicidade de suas idéias já na Faculdade de Direito do Recife, a mudança para a corte e a participação nos ambientes literários cariocas da época, nos levam a encarar a obra e o pensamento de Romero como algo que pode nos dar acesso a uma determinada época da história do Brasil.

Este trabalho buscou analisar a questão da formação de uma identidade nacional. Ao longo da investigação, tornou-se possível perceber, que a questão da formação de uma identidade intelectual encontrava-se atrelada ao tema da

⁸⁹ *idem*

⁹⁰ VENTURA, 1991, p. 87

identidade nacional intensamente discutido nos fins do século XIX. No entanto, tal questão continua em aberto, tendo sido apenas colocada no horizonte enquanto possibilidade de desenvolvimento posterior deste mesmo trabalho.

De todo modo, buscou-se aqui articular: a formação étnico-cultural do Brasil, ou em termos de época, a questão das raças, o regionalismo, e a questão do moderno. Foi com base nestes mesmos eixos que a leitura da *História da Literatura Brasileira* de Romero foi realizada. A edição que serviu como base foi a de número sete, editada em 1980, revisada por Nelson Romero e já com algumas alterações com relação à edição primeira.

Bibliografia

BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse; linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.

_____. *José Veríssimo: teoria, crítica e história literária*. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. (coordenação: Alexandre Eulálio) Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

CARA, Salete de Almeida. *Pré-modernismo: Poesia e crítica literária IN: Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação casa de Rui Barbosa, 1988. p.65-75

COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República*. São Paulo: UNESP, 1999

EAGLETON, Terry. *A função da crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos-São Paulo: T.A. Queiroz: EDUSP, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária, 1947-1958: Vol. II (org.) Antonio Arnoni Prado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

JOBIM, José Luis. *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: JLJS Fonseca, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise : uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ : CONTRAPONTO, 1999.

LIMA, Alceu Amoroso. *A parábola da crítica IN : Curso de crítica: conferências realizadas na Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Editora Companhia brasileira de artes gráficas, 1956.

MELLO e SOUZA, Antonio Candido. *Literatura e sociedade*. 8ª ed. - São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. *O método crítico de Sívio Romero*. São Paulo: EDUSP, 1988.

MERQUIOR, José Guilherme. *O vampiro ventríloquo* IN Tempo Brasileiro, 64, Janeiro - Março de 1981

RIO, João do. *O momento literário* Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

RICOUER, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis*. Estudo comparativo de literatura brasileira. Rio de Janeiro, Laemmert, 1897.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *Sílvio Romero e a reação anti-romântica*. IN: *Curso de crítica: conferências realizadas na Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro : Editora Companhia brasileira de artes gráficas, 1956.

SUSSEKIND, Flora. *Sobre o Pré-Modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. *Letras e Literatos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1912.

_____. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.

VOLOBUEF, Karin. *Frestas e Arestas: a prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1999.

WERNECK, Norma C. *O conceito de Filosofia da Ciência de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1978 (tese de mestrado)